



É SÓ UM DIA (2022)

Performance duracional que deriva da peça Outro Lado é Um Dia, de Márcia Lança e Carolina Campos, é uma forma de evocar a transgressão do relato através da ficção especulativa posta em gesto. Em um dispositivo de escrita ao vivo, a performance revela a construção de um fluxo de narrativas que se instalam em uma superfície instável, no contágio entre a palavra escrita e a ação. Na busca contínua de traduções não lineares do tempo e do espaço e do ponto frágil onde verdade e ficção se tocam e se confundem, estratégias recorrentes na obra das artistas, essa peça se propõe imaginar mundos que questionem a fixação de ideias e narrativas fálicas. Se desafia a tomar as ruínas do discurso como potência. O texto The Carrier Bag Theory of Fiction de Ursula K. Le Guin, que propõe uma teoria da ficção onde a história é revisada não a partir do herói caçador e sua arma, mas das bolsas e recipientes, é uma das principais referências do trabalho. Adotam uma prática de escrita que gera ficções não hegemônicas, levando em conta o periférico, o banal e os futuros e passados não ativados do que vemos. Durante 8 horas, Márcia e Carolina ficcionalizam o presente escutando o lugar onde se encontram. Tomam fragmentos do mundo para deslocá-los no tempo e no espaço e ressignificá-los fazendo-os explodir em diferentes direções e sentidos. A dramaturgia se constrói a cada apresentação de modo distinto e o público, que pode entrar e sair a qualquer momento, leva um livro feito ao vivo que contém um texto diferente a cada apresentação.

LIVRO AO VIVO

A proposta adicional do projeto é uma publicação feita ao vivo com textos de ficção criados por duas pessoas em escrita conjunta. A escrita do texto pode ser acompanhada pelo público. Seu ponto de partida é algo que uma das performers repara no espaço. A única regra é se relacionar com a última relação proposta pela outra. Não em um jogo de cadáver esquisito, mas a partir de uma operação proposta, um ambiente, um marco temporal, um detalhe, que pode explodir em outras direções. Escrever consiste em olhar o que está no texto anterior e imaginar possíveis virtuais para a história, às vezes ativando um, ou vários ao mesmo tempo. O texto acaba disparando em ficções sem começo nem fim, de histórias feitas das periferias das coisas. A coerência que o sustenta vem desse jogo de se colocar com a outra, ao invés de compor uma narrativa linear, com início, conflito e desfecho. A impressão ao vivo do texto em formato de publicação acontece a cada hora e o público pode levar-lo no ponto onde está. Somente no final das 8 horas de performance o livro está completo.

[VIDEO DA PERFORMANCE](#)

[VÍDEO DO LIVRO](#)



Foto: Rafael Frazão

¿qué hace tu cuerpo?
4 de 8 horas



Criação e Performance
Carolina Campos e Márcia Lança
Repositório de Sons
Cigarra
Designer em Tempo Real
Andrei Bessa
Proposta de luz
Letícia Skrycky
Produção
VAGAR
Direção de Produção
Lysandra Domingues
Fotos
Rafael Frazão e Pepe Herrero
Apoios
DGARTES, Fundação Gulbenkian, Festival Citemor (Portugal),
La Capella (Barcelona), spai nyamnyam (Mieres)



Foto: Pepe Herrero

Foto: Rafael Frazão



Foto: Pepe Herrero

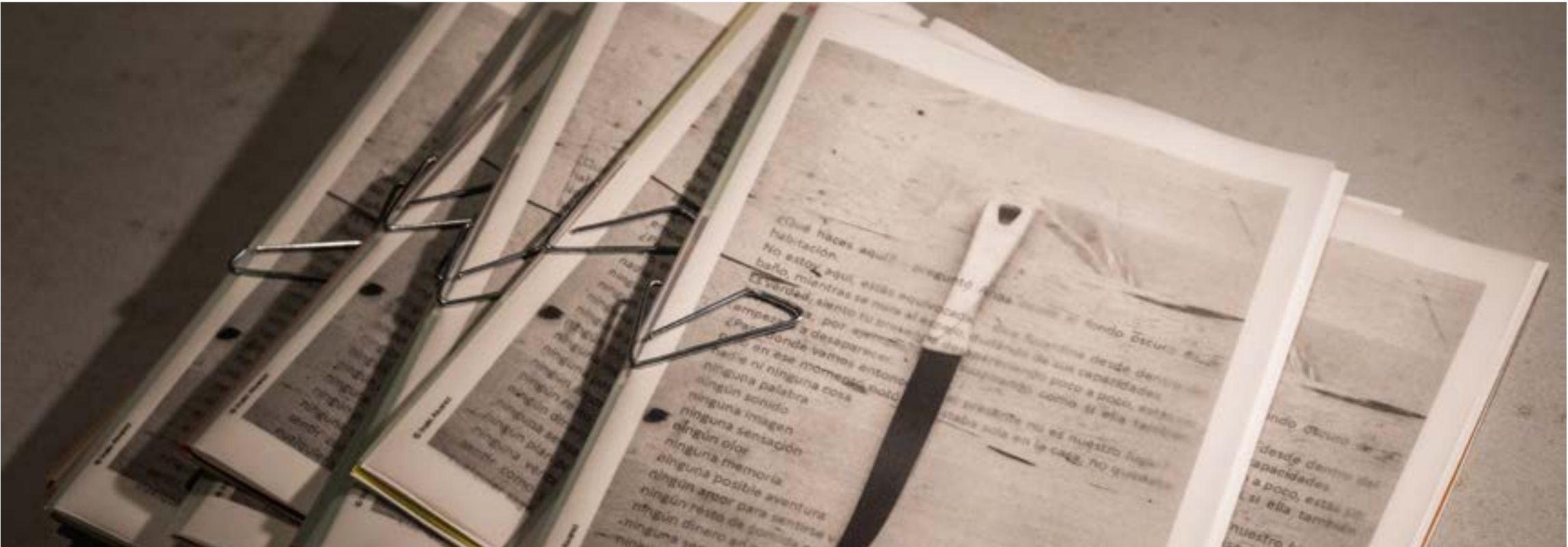


Foto: Pepe Herrero

INTERROGAR O ACOMPANHAR (2022)

Interrogar o Acompanhar é uma publicação, uma performance e um workshop.

“Essa publicação trata de coisas que me afetam na prática de acomopanhar outras artistas em criação. Tratando de traçar duas linhas erráticas e não lineares – a dos processos de criação e a do acompanhamento - vario a escrita entre exercícios, descrições, memórias, modos de fazer e reflexões. Talvez uma ideia que apresento no final do texto possa servir para o início de algum processo, ou uma pergunta que formulo no meio possa ter aparecido no começo de outra colaboração com alguém. Isso reflete precisamente a mesma prática que exerço quando me encontro em “situação de acompanhamento”, em que os tempos se confundem, os afetos se misturam e as perspectivas se reviram.”

Interrogar o Acompanhar é uma investigação que conta com o apoio de: Centro de Criação Graner (Barcelona). Bolsas para invesatigação e inovação em artes performativas da Generalitat da Catalunya. Apoios simplificados DGARTES de Portugal e Fórum Dança.

[LINK PARA O TEXTO](#)

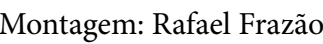


Foto: Raquel Tomàs



Foto: Raquel Tomàs

Investigação realizada em colaboração com Rafael Frazão (BR/ES) e Márcia Lança (PT). Consiste em provocar eventos que ponham em choque as diferentes concepções de mundo e suas respectivas mitologias relacionadas à ideia do fim. Desdobra-se em performances, objetos audiovisuais, ações em redes sociais, conversas com pessoas anônimas na internet, ações invisíveis no espaço urbano, publicações ao vivo. Faz parte da constelação de questões que emergem da peça *É SÓ UM DIA*.
Apoio: DGARTES (Portugal).



SUBCINEMA(2020-2021)

Investigação iniciada no Programa de Estudos Independentes no MACBA - Barcelona (2019-2020). Juntamente com Rafael Frazão, investigam, a partir das ferramentas do cinema e da performance, formas de estender e habitar a fronteira entre o mundo e a imagem do mundo. Fizeram vídeos, publicações e práticas que experimentam formas de reficcionalizar o território em tempo real.

Apoiado por La Visiva, La Caldera, La Escocesa (Barcelona), TEA Espacio de Artes (Tenerife).

[LINK PARA WEBSITE](#)

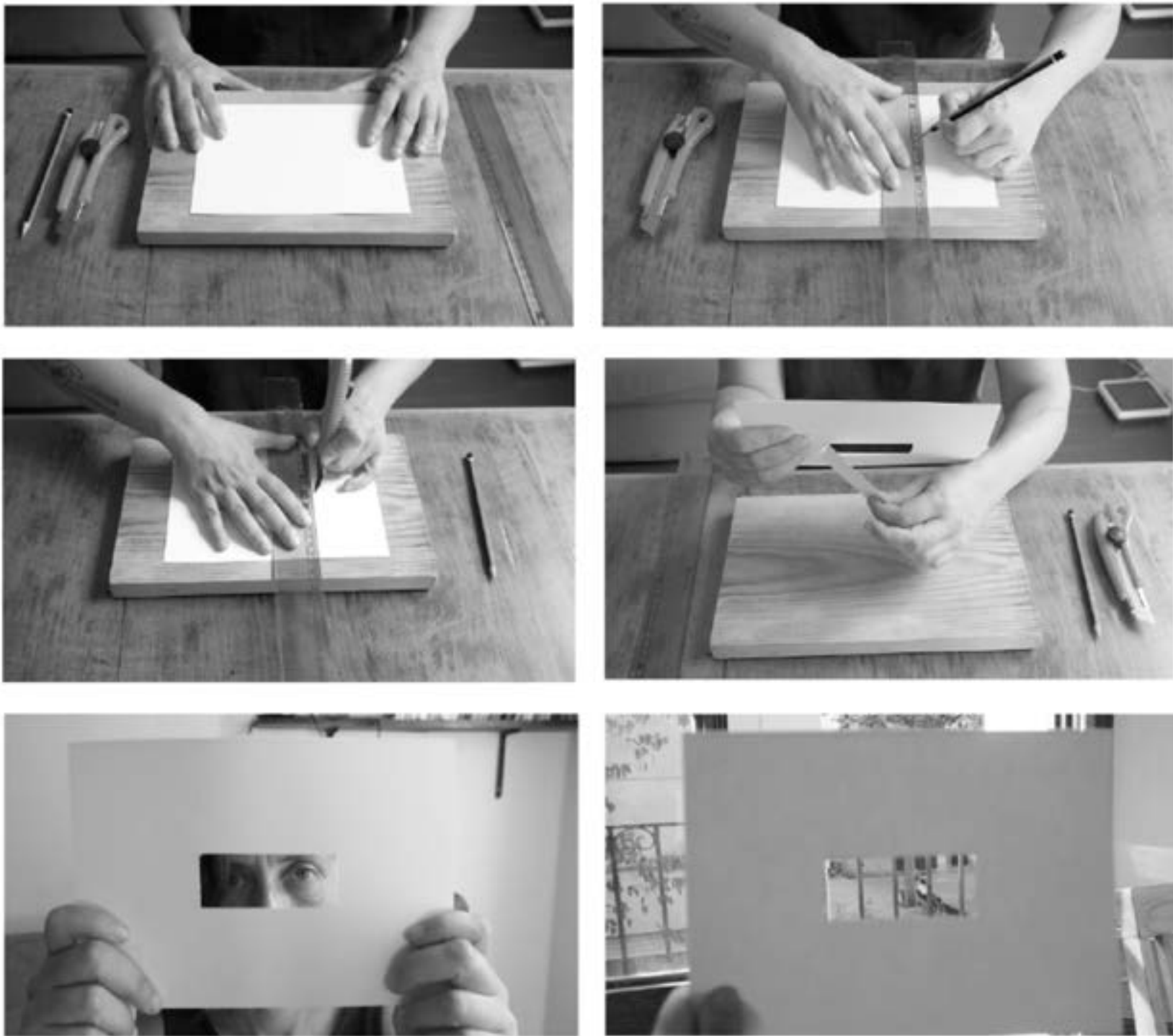


Foto: Rafael Frazão



Foto: Rafael Frazão

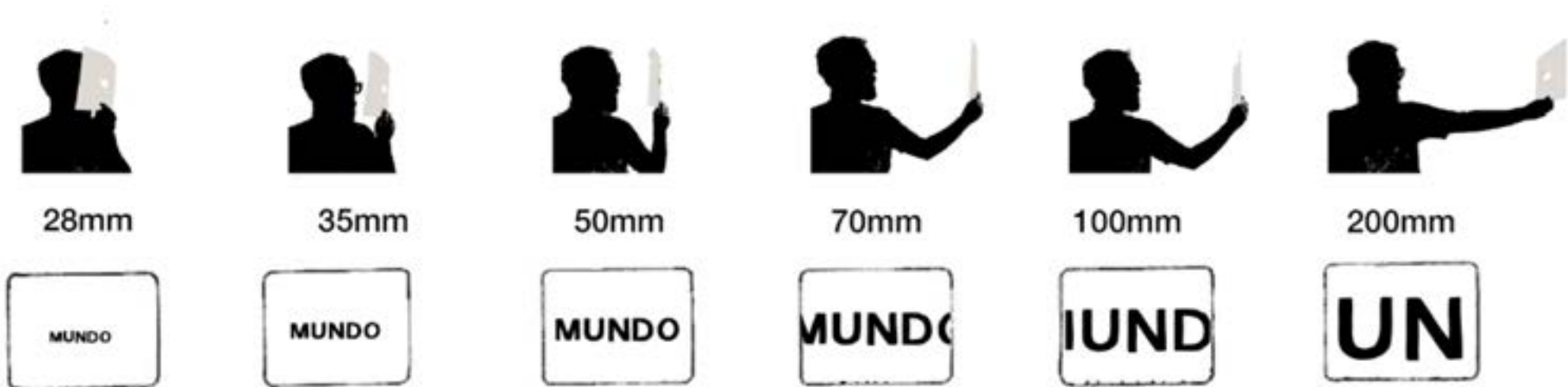


Ilustração: Rafael Frazão

COMPOSIÇÃO DO TEMPO REAL (2012 - presente)

A Composição em Tempo Real é uma ferramenta teórico-prática que estuda, problematiza e sistematiza a experiência da improvisação e da composição em arte, utilizando o campo proporcionado pela dança contemporânea como território privilegiado de investigação e aplicação. Essa investigação foi iniciada pelo coreógrafo português João Fiadeiro há mais de 25 anos.

Carolina Campos colabora intensamente com João Fiadeiro na investigação e formação a partir da prática da Composição em Tempo Real desde 2012. Desde 2019, além da participação direta na investigação da CTR com Fiadeiro e em workshops de improvisação que realiza em diversos países, vem cruzando essa investigação com suas práticas de modo mais autônomo e situado na reflexão sobre o acompanhamento artístico.

[+ INFO SOBRE CTR](#)
[VIDEO DE ENTREVISTA](#)



Foto: Carolina Campos

ÇA VA EXPLOSER (2019)

De Carolina Campos e João Fiadeiro, *Ça va exploser* [Isto vai explodir] é a história de uma crise. A crise de um encontro. Com o outro, com nós mesmos, com o mundo. Na superfície tudo aparenta estar calmo... As palavras e os gestos acomodam-se no protocolo ficcional de uma relação e ocupam um espaço de intimidade construído. Os acontecimentos dão-se nas brechas dessa ficção.

Que ideias utilizamos para pensar com outras ideias? Falamos a mesma língua? São tempos confusos. As coisas colidem, sobrepõem-se, atropelam-se. Aqui e ali sincronizam, partilham um plano comum. Mas parece que só o fazem para poderem confirmar a impossibilidade de continuidade. A eminência da explosão.

O título *Ça va exploser* remete para uma das imagens do livro *Ma vie va changer* [A minha vida vai mudar], de Patrícia Almeida e David-Alexandre Guéniot, que serve como território de referência afetiva e estrutural para a construção deste trabalho.

[VIDEO](#)





Foto: Tristán Pérez Martín

Criação e interpretação na estreia
Carolina Campos e João Fiadeiro

Intérpretes
Carolina Campos e Márcia Lança

Dramaturgia
Leonardo Mouramateus

Desenho de luzes e direção técnica
Leticia Skrycky

Composição de som
Arnold Haberl

Assistente Artístico
Daniel Pizamiglio

Produção Executiva
Marta Moreira

Fotos
Tristan Perez Martin

Coprodução

Teatro do Bairro Alto, Teatro Viriato, Festival DDD

Apoio
Fundação GDA

FROM AFAR IT WAS AN ISLAND/ DE PERTO UMA PEDRA (2018)

“From afar it was an island” e “De perto, uma pedra” são coreografados com gestos armazenados pelo cinema, todo “escrito” com essas “palavras”, e com a tensão que é mantida no interior desses fragmentos. Um conjunto de mais de uma centena de filmes dos quais foram extraídas pessoas que se vestem, caminham, param, esperam, conversam... O raccord, próprio da linguagem cinematográfica, será o princípio capaz de articular relações entre esses gestos: alguém enche um copo de água na mesa da sua cozinha CORTA PARA outro alguém que derruba um copo de vodka no balcão de um bar. Na mesa de edição o raccord que uniria esses dois gestos não esconderia o salto espacial e temporal que separa as duas cenas, que podem, inclusive, ser de dois filmes diferentes. No teatro, no entanto, temos a unidade espacial e temporal do palco, e temos o corpo que se apropria e une as duas cenas, sem que possamos notar o instante exato em que uma cena acaba e outra começa. Os gestos acumulam-se, o futuro não é previsível e o passado não é escrito. Os gestos são contidos no presente da sua própria presença, e no entanto continuam. Em “From afar it was an island” o gesto fixado pelo cinema é possuído pelo fantasma do gesto da dança: o esquecimento.”
Leonardo Mouramateus

[VIDEO](#)



Frame do vídeo da peça



Foto: Filipe Ferreira



Foto: Filipe Ferreira

Conceito e Direção
João Fiadeiro
Co-direção
Carolina Campos /Leonardo Mouramateus
Performers e co-criação
Carolina Campos / Adaline Anobile / Márcia Lança (Nuno Lucas) / Iván Haidar / Julián Pacomio
Captura deSom em Tempo Real
João Bento
Luzes
Leticia Skrycky
Espaço
João Fiadeiro e equipe (a partir do espaço cênico de Nadia Lauro)
Co-produção From Afar It Was An Island
Alkantara, Festival DDD, Teatro Viriato, Teatro Avenida, Centre National de la Danse Francia
Co-produção De perto, uma pedra
Temps d’Image, Atelier REAL
Apoio
Câmara Municipal de Lisboa / Polo Cultural Gaivotas_Boavista
Financiamento
DGARTES

NOME (2017)

Partimos do universo das imagens antigas, abandonadas em feiras, esquecidas, deixadas para trás. Agarramos nesse fragmento de mundo para o deslocar no tempo, resignificá-lo, dar-lhe um sentido diverso do da sua origem, fazendo-o explodir em diferentes direções e sentidos. Percebendo essas imagens como ficções que contêm realidades, e não o contrário, construímos um território de trabalho onde verdade e mentira se tocam e se confundem, onde aceitamos a ideia de que uma vida qualquer é construída por narrativas inventadas e que o futuro de uma imagem serve também, para reescrever o seu passado. Olhar para a vida das imagens desta perspectiva levou-nos a construir biografias inventadas, reconstruir fatos, fazer ficção ultrapassando os limites entre o que é nosso e o que é de outros. Este trabalho propõe o exercício de imaginar que a nossa memória e o nosso esquecimento, aquela matéria absolutamente indispensável para nos tornarmos singulares, podem estar em qualquer corpo, em qualquer vida, num outro qualquer.

Criação e Performance

Carolina Campos e Márcia Lança

Acompanhamento Dramatúrgico

João Fiadeiro

Desenho de Luz

Gonçalo Alegria

Produção

VAGAR

Apoio

Negócio ZDB, Atelier Real, Fundação GDA

[VIDEO](#)



PLAYA (2017)

Se tirarmos dos gestos suas palavras e seus lugares, o que fica?... Num jardim zoológico, olhamos para um leão dentro de uma jaula. Tiramos o leão e colocamos em seu lugar o quadro Guernica de Picasso. Estamos a olhar para a Guernica de Picasso dentro de uma jaula. Tiramos a jaula e o zoo e colocamos um deserto. Estamos a olhar a Gernika de Picasso num deserto. Tiramos o Gernika e colocamos um museu. Agora, estamos a olhar o museu sobre um deserto. Tiramos o deserto e colocamos Amy Winehouse. Vemos a Amy Winehouse a entrar numa das salas do museu. Tiramos o museu e colocamos um microfone com um bar ao fundo. Estamos, então, a ver a Amy Winehouse diante de um microfone com um bar ao fundo. Tiramos Amy Winehouse e colocamos Fidel Castro falando incansavelmente em espanhol. Isso quer dizer que estamos a ver o Fidel Castro a falar diante de um microfone em frente a um bar. Tiramos o bar e colocamos a Casa Branca. Olhamos o Fidel Castro a falar diante de um microfone em frente à Casa Branca. Tiramos Fidel Castro e a Casa Branca e colocamos um cemitério em frente ao atual presidente dos Estados Unidos. Estamos a ver Donald Trump falando em espanhol diante de um microfone em frente a um cemitério. Imediatamente tiramos sua voz e ele fica ali gesticulando mudo diante de um microfone. Logo tiramos Donald Trump e o cemitério e colocamos uma pessoa qualquer e um pavilhão vazio iluminado com lâmpadas fluorescentes. Colocamos nessa pessoa um cocktail de pensamentos divergentes e tiramos o microfone e o pavilhão. O que resta é um corpo gesticulando, carregado de pensamentos divergentes, flutuando em algum lado....

[VIDEO](#)



Foto: Letícia Skcrycky

ideia, coreografia e performance Coletivo Qualquer: Luciana Chieregati e Ibon Salvador + Carolina Campos
criação de luz
Letícia Skcrycky

produção
Asociación Artístico Cultural Luciérnaga
fotografia

Gurutz Gonzalez
figurino

Coletivo Qualquer
apoios

Azala Kreazio Espazioa, Departamento de Cultura del Ayuntamiento de Bilbao, Atelier RE_AL, La Fundición, Camara Municipal de Lisboa e Polo Cultural Gaivotas Boa Vista

Esta peça foi subvencionada pelo Departamento de Educação, Política Lingüística e Cultura do Governo Vasco.



Foto: Letícia Skcrycky

O QUE FAZER DAQUI PARA TRÁS (2015)

Em O que fazer daqui para trás, João Fiadeiro explora a duração do tempo suspenso, o intervalo, focando a atenção no que não está acontecendo diante do público. Aqui, o não dito é mais importante que aquilo que se diz. A ausência se sobrepõe à presença. O espetáculo faz uma crítica à urgência e à aceleração da rotina, que dificultam a organização do indivíduo. Os intérpretes entram e saem ofegantes de cena, deixando o espectador num estado de constante espera pelo que irá ocupar o vazio deixado por eles.

E o que o ocupa o vazio é o “resto”, a prova de uma presença. Ou melhor, é a presença de uma ausência. É no “resto” que vamos encontrar os traços e os rastos para darmos início à impossível tarefa de reconstruir o mundo, uma e outra vez. O resto é também o que está entre o corpo e “a presença do outro no corpo”, uma fuga permanente para coisas que ainda não são, para o que as coisas podem. “O que fazer daqui para trás” posiciona-se entre a dúvida e a possibilidade. Onde o não-dito é mais importante do que aquilo que se diz, onde a ausência se sobrepõe à presença e onde o drama não vem do teatro mas daquilo que os corpos – dos performers e dos espectadores – podem (e têm e trazem). A sombra indica-nos a presença da luz, o silêncio a presença do som e a ausência a presença do acontecido. Da sombra, do silêncio e da ausência, eis – para quem se pergunta – aquilo que esta peça trata.

[VIDEO](#)



Foto: Patrícia Almeida



Foto: Patrícia Almeida

Conceito e Direção
João Fiadeiro
Assistente de direção
Carolina Campos
Performers e co-criação
Adaline Anobile, Carolina Campos, Márcia Lança, Iván Haidar e Daniel Pizamiglio
Desenho de luz
Colin Legran
Direção técnica
Leticia Skrycky
Fotos
Patricia Almeida
Co-produção
Teatro Maria Matos (Lisboa) / Teatro Rivoli (Porto)
Internacionalização
Fundação Gulbenkian e Fundação GDA
Apoios
Arquipélago (Açores), Santarcangelo Dei Teatri (Italia) e Atelier Real (Lisboa)